CEARÁ AND THE WAR OF SECESSION

HUGO VICTOR

Causará surprêsa, por certo, aos estudiosos da História, a revelação feita pelos velhos documentos do Arquivo Público do Estado, de que a cruenta luta civil, que durante cinco anos ensangüentou o território norte-americano, geralmente conhecida como — Guerra da Secessão — se tivesse refletido profundamente em águas do Atlântico Sul, na costa brasileira e, em particular, na cearense.

Pois o documentário do nosso cimélio positiva em minúcias ter havido em nossas águas territoriais entre navios de guerra dos Estados Confederados e da União, com aborígines, apresamentos, destruições, incêndio, tudo quanto de doloroso e terrível se pode conceber em embates navais, acirrado o ódio comum...

Pena é que não se narrasse ainda êsse aspecto da grande refrega fratricida com aquêle poder sugestivo de descrição da cena terrestre e revividas, ùltimamente, em **E o Vento Levou**...

A atitude do Govêrno brasileiro em face da delicada situação criada pela rebelião dos Estados do Sul, tendo à frente o general LEE, foi, como não podia deixar de ser, traçada pelas normas do Direito Internacional, e, no que toca ao Ceará, os presidentes da então Provincia mostraram-se à altura do momento.

Precavidamente o Ministro das Relações Exteriores, Benvenuto Augusto Magalhães Taxi, informava, em ofício reservado, de 1.º de agôsto de 1861, ao Presidente Dr. Manuel Antônio Duarte de Azevedo, que S.M. o Imperador recomendará estreita neutralidade do nosso país na "luta que rompeu entre o Govêrno Federal dos Estados Unidos Norte-Americano, e alguns dêsses Estados que declarariam constituir-se em confederação separada, "porque os Estados Confederados não têm existência reconhecida; mas havendo constituido de fato um Govêrno distinto, não pode o Govêrno Imperial considerar como atos de pirataria os seus armamentos navais, nem recusar-lhes, com as necessárias restrições, o caráter de beligerantes que assumirão", etc.

Foi oportuno o aviso, pois no dia 6 de setembro daquele ano, lançava âncora no pôrto de Fortaleza o "Sumter", pertencente aos sulestes, a fim de aprovisionar-se ao carvão.

Nenhuma salva lhe foi dada "por não estar sua Bandeira reconhecida", desejando o comandante tomar parte nas festas "que celebraram no dia 7", o presidente advertiu não ser isso possível per-

mitindo entretanto, que o navio se abastecesse, contra o que o vice-cônsul dos Estados Unidos lançou o seu veemente protesto.

Demorou-se a belonave até o dia 15, e logo depois de zarpar, entrou em seu encalço a fragata" Powhaton", da União, que teve a **salvação correspondência** pela Fortaleza.

Precisa também de carvão. Como o representante consular, o comandante da fragata protestou contra a maneira por que fôra tratado o "Sumter", mas o Dr. Duarte de Azevedo respondeu-lhe em têrmos enérgicos e categóricos, e justificando o seu procedimento.

Levado o caso ao conhecimento do Govêrno Imperial todos os atos do Presidente foram aprovados, consoante ofício reservado de 2 de novembro, no qual a Chancelaria citou em favor das diretrizes brasileiras "os principais escritores do Direito das Gentes", inclusive o tratadista americano Kent, em "Comentários", Port. 1 Sec., contando que os portos do Império não servissem de base "às operações dos beligerantes".

A Guerra assolava a Norte América, e os navios litigantes continuavam a crescer o Atlântico.

A 3 de junho de 1863, aportava em Fortaleza um segundo vapor confederado o "Flórida" que, como aquêles, viera tomar carvão, comprado a particulares e em ofício do dia 12, o nôvo presidente José Bento da Cunha Figueirêdo Júnior informava ao ministro Marquês de Abrantes que êsse navio "era o mesmo que segundo consta, acha-se armado em corso, e já tem incendiado um grande número de navios dos Estados Federados da mesma União Americana", e acrescentava: — "Apenas ancorado o vapor, que trazia sinal de vapor de guerra, veio a palácio imediato, acompanhado de um intérprete, a fim de solicitar licença para receber carvão. Respondi-lhe que me dirigisse seu pedido por escrito, e que antes de qualquer deliberação obstivesse a tripulação de comunicar com a terra. Foi religiosamente observada esta intimação, recolhendo-se a bordo os indivíduos que já haviam embarcado em escaleres para demandarem a terra.

Entendi-me imediatamente com o Chefe de Polícia e Capitão do Pôrto (respectivamente, Dr. Francisco de Faria Lemos, que viria a ser Presidente, e capitão-de-fragata Rodrigo José Ferreira, que seria Almirante, a fim de se tomarem as cautelas necessárias. Foi reforçada a guarda da Alfândega, e sem o menor aparato adotei outras medidas de prevenção. Pouco tempo depois voltou a palácio o imediato com a comunicação escrita em que o comte. J.N. Maffet, manifestando sòmente o desejo de tomar carvão, pedia-me, respeitosamente, a mesma atenção que tem merecido das nações neutras vapôres dos Estados Confederados. Convidei-me para vir falar o Súdito Inglês Ricardo Hughes, Agente Consular, interino dos Estados Unidos, e respondeu-me simplesmente que não reconhecia a bandeira daquele Vapor, e por conseqüência nada tinha que dizer".

Após informar que sabia terem a "Flórida" e o "Alabama" obtido concessão idêntica em Pernambuco e Bahia, permitiu que se abastecesse, e adianta: "Constou-me por informação particular que haviam sido pôsto na Praia desta cidade alguns indivíduos aprisionados pela "Flórida" em alto mar" e que "no dia seguinte ao de sua chegada, e à vista de minha declaração verbal feita ao imediato deixou aquêle Vapor o pôrto da Capital, ignorando-se o destino que leva", terminando por afirmar que "tem encalhado por alguns pontos da costa vários objetos, e outros têm sido encontrados flutuando sôbre as ondas, por pescadores e jangadeiros. Supõem-se que êsses objetos pertencem a navios destruídos pelos corsários dos Estados confederados".

Tal qual o "Graff Spee"...

Era a guerra no mar, e, pelo visto, parece que os sulistas levavam vantagem. Tanto assim que o Govêrno do Brasil teve que modificar sua posição de neutro em 1864, por ter o "Shenandooh" W. Waidell acossada a galera federal "Kate Prince" procedente de Cardiff, e violado o zêlo do consulado do Império, que fechava o manifesto, só permitindo que prosseguisse viagem para Bahia depois que o Comandante de "Kate" assinasse uma obrigação pecuniária e recebesse a bordo quatorze prisioneiros provenientes de dois navios incendiados "vedando, daí por diante," a entrada em todos os portos ao dito Vapor "Shenandooh" ou a qualquer outro comandado pelo referido Wadell.

Como se está vendo, a Guerra da Secessão repercutiu muito de perto no Ceará.

O SOBRADO DO DADÁ

Quem visita a pitoresca e poética cidade de Guaramiranga, situada na parte mais elevada da Serra de Baturité, a uma altitude bem próxima dos 900 metros, tem sua atenção voltada para um casarão localizado na extremidade de uma de suas ruas, isto por que a arquitetura e o porte da obra fazem lembrar edifícios semelhantes, que não são hoje marcos de esplendor e riqueza vividas no passado por antigas metrópoles de Minas Gerais. Também aquêle vetusto sobrado é testemunha viva do esplendor e riqueza a que atingiu, até a primeira década dêste século, aquêle pequeno burgo serrano, hoje na mais melancólica e deplorável decadência.

Edificado entre os anos de 1878 e 1880, deve-se sua construção a um gesto de elevada magnanimidade de opulento capitalista da terra, o cel. Baltazar Lopes Lima — o conhecidíssimo cel. Dadá, que a realizou para atender solicitação, neste sentido, feita por seu devotado amigo, prof. Teófilo Mendes, que mantinha na vila nascente

modesto educandário, que, de tão freqüentado, já requeria instalações mais amplas, a fim de possibilitar também admissão de alunos internos.

Não permitiu o destino que o devotado mestre-escola visse realizado seu ideal, acalentado sob as mais fagueiras esperanças, pois faleceu vitimado por síncope cardíaca, quando o prédio se encontrava na fase final de acabamento.

Concluída a obra, nela instalou seu Colégio o professor Anacleto de Queiroz, educador de renome, que ali se manteve por poucos anos.

Sucedeu-o, logo em seguida no mesmo mister, o bacharel em Direito Dr. Francisco Alves de Lima, tido e havido como portador de sólida cultura humanística e jurídica, e que se casara com môça de ilustre família da terra. Mais curta ainda que a do que o antecedeu, foi a duração do colégio Dr. Alves Lima, pois cerrou suas portas após breve período de atividade.

Em outubro e novembro de 1899, aportaram à pequena vila montesina 18 frades da ordem dos Beneditinos, trazendo a idéia de aí fundar um colégio, empreendimento que não lograram realizar por não haverem conseguido que lhes fôsse doada ou vendida pequena nesga de terra contígua ao aludido imóvel em que tencionavam se instalar. Era intento dos religiosos utilizar êsse pequeno trato de terra para pomar, horta, jardim, estábulo e cavalariça, tornando assim o colégio, neste particular, auto-suficiente. De origem germânica, todos êles, sentiram-se deslumbrados com a amenidade do clima, o pitoresco da topografia e a exuberância da flora, que lembravam a pátria distante.

Desestimulados pelos obstáculos que se antepunham à efetivação do seu nobre objetivo, resolveram instalar abadia e Colégio na Serra do Estêvão, em Quixadá, e para lá se foram retirando aos poucos, até que, em julho de 1900, partiu com o mesmo destino o último dos frades, D. Macário Maria Schmidt.

Ocorrendo o falecimento, em 1907, de D. Maurício, Prior Abade do Mosteiro de Santo Estêvão, foram extintos, logo no ano seguinte, essa casa de religiosos e, conseqüentemente, o Colégio.

Um dos membros do seu corpo docente leigo, o professor Júlio César de Holanda, possuidor de cultura humanística invulgar, haurida na França e na Suíça, adquiriu parte do acervo material do Colégio Santo Estêvão e, como que cumprindo predestinação do velho sobrado, inaugurou nêle, em 1910, o Ginásio Guaramiranga, de que foi Diretor juntamente com seu amigo o bacharel Zacarias Celso de Magalhães.

No ano seguinte, justamente quando adquiria maior renome o nôvo estabelecimento de ensino, deixaram o Ginásio seus dois fundadores, passando-o ao bacharel Pedro Gomes da Frota.

Êste lhe deu maior impulso, mas, acometido de pertinaz moléstia, viajou para o Rio de Janeiro à procura de recursos médicos, lá vindo a falecer a 7 de setembro de 1912. Não deixando sucessor à sua instituição, esta seguiu-lhe os passos, encerrando suas atividades no mesmo mês, em pleno ano letivo.

Mais uma vez voltou o Sobrado do Dadá a ter as portas fechadas, servindo seus vastos salões de aulas, vez por outra, para os bailes promovidos pela sociedade local, exibições de cinema, teatro, etc., até que, em 1918, sua proprietária, D. Maria Libânia de Holanda, viúva do cel. Dadá, alugou-o ao cel. Francisco de Matos Brito — o popularíssimo cel. Chichiu — que nêle residiu até os primeiros meses de 1929.

Pouco tempo depois, foi o histórico casarão doado por sua proprietária à Arquidiocese de Fortaleza, com a condição de ser nêle instalado colégio para môças.

O então Arcebispo, D. Manuel da Silva Gomes, de venerável memória, confiou-o às irmãs Capuchinhas que nêle mantiveram colégio por mais de trinta anos, fechando-o exabruptamente, há cêrca de 5 anos, inopinadamente, que lá ficaram entregues aos morcegos os retratos de seu virtuoso benfeitor, D. Manuel, e o do digno sucessor dêste, D. Antônio de Almeida Lustosa, vulto luminar do episcopado brasileiro.

Hoje é profundamente lamentável ver êste vetusto edifício, doado sob a mais louvável intenção, com altruísmo e espírito cristão, inteiramente abandonado pelo donatário que o está deixando ruir, inexplicàvelmente, enquanto que um ginásio fundado, recentemente, na Cidade, funciona no Grupo Escolar porque não dispõe de outro local para se instalar.

Triste e deplorável predestinação de uma obra que trouxe do nascedouro transcendental propósito, qual seja difundir instrução...

(O Povo, 5/IX/67)

RETIFICAÇÃO

Dr. Diretor:

Tomo a liberdade de emendar, em vários passos, o trecho publicado em seu jornal sob o título: "A Proscrição dos Jesuítas" na edição de 2 de abril em curso.

Diz-se aí que a Companhia de Jesus, em meados do século XVIII, adquiriu o grande poder econômico e político (vá lá) surgindo na Europa uma reação contra a Ordem, combatida por jesuítas italianos e franceses e pelos filósofos enciclopedistas, principalmente Vol-

taire, perdidas as boas graças do Vaticano. Aí houve um "embrioglio". gal e Espanha e não por jesuítas italianos e franceses — o que seria A Ordem era perseguida pelas côrtes bourbônicas de França, Portu- absurdo.

Voltaire, nessa emergência, não é contra a Companhia de Jesus expressamente, embora fôsse, como se sabe, um ímpio de quatro costados e inimigo acérrimo da Igreja Católica. Foi por conselho dêle, a Catarina II, que os jesuítas puderam se conservar na Rússia Branca de 1773 a 1814 apesar de breve "Dominus" ao Redemptor de Clemente XIV.

O reinado de D. José I de Portugal, lançado do famigerado Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal, não de 1750 a 1770 como se lê ali, e sim de 1750 a 1777, quando morreu. Também não foi em 1701 que Pio VII de boa memória, restaurou a Companhia de Jesus, mas a 7 de agôsto de 1814. Tendo sido êles expulsos da América Luso-Espanhola em 1759 só em 1841 regressaram ao Brasil, sua antiga emprêsa, entrando pelo o extremo Sul.

O nome "Sociedade de Jesus" aplicado à Companhia de Jesus sôa a barbarismo e só o empregam homens mui leigos em História do Brasil e em geral da contra-reforma, operada pelo Inácio de Loiola. Companhia de Jesus é o nome próprio da ordem inaciana e não Sociedade de Jesus como a denominavam certos homens que mal leram René Fullop Muller **et caterva**...

Aires de Montalbo

TELES DE SOUSA — MEU MESTRE

OSWALDO ARAÚJO

O dia de hoje assinala o centenário do nascimento de Francisco Martins Ferreira Teles de Sousa.

São Francisco da Uruburetama, agora a pitoresca cidade de Itapajé, tem motivos sobrados para se envaidecer de ali ter nascido, em 16 de novembro de 1868, o filho benemérito e ilustre que, no Ceará, se tornou figura exponencial nas letras e no magistério, ao seu tempo.

Teles de Sousa desfrutou, nos primórdios do século XX, o fastígio em que a sua privilegiada inteligência o colocou nos meios literários de Fortaleza.

Simples caixeiro, encontrava tempo em meio às suas atividades mercantis, para se exercitar no estudo, conseguindo sobressair de sua modesta posição para se projetar no ambiente cultural daquela época, como inspirado poeta e integrante de associações literárias de reconhecido relêvo.

Dolor Barreira, na sua **História da Literatura Cearense**, focaliza em vários trechos a projeção que Teles de Sousa conquistou como poeta de profunda sensibilidade na inspiração e de escrupulosa correção na forma de seus versos condoreiros.

Escondido, entretanto, numa modéstia indisfarçável, acumulou um tesouro de conhecimentos que, só depois, fêz espargir no magistério exercido no interior do Estado.

Vemo-lo em Fortaleza, como integrante do CENTRO LITERÁRIO, tomar parte ativa na memorável sessão promovida pelo erudito sodalício em a noite que marcaria a passagem do século XIX para o "Século das Luzes", sessão essa presidida por Papi Júnior, em a qual Farias Brito assinalou, com empolgante discurso, o momento exato da transição das duas eras. Vemo-lo, ainda, em serões literários que, então, amiude se realizavam na capital alencarina e que eram expressão de cultura e motivo de emulação intelectual.

Qual o jovem romântico com tendência para as letras que não sabia de cor, que não declamava o seu famoso sonêto "AMOR"? Êste aparecia em tôdas as tertúlias literárias daquela época, o consagrado sonêto, sôbre o qual Rodrigues de Carvalho comentou: "O "AMOR" pode ser incluído na coletânea mais seleta da língua portuguêsa."

Em 1902 publicou Teles de Sousa seu livro de versos **Amaryllis**, de tão enaltecedora acolhida, repositório que se revelou de preciosas jóias poéticas. Foi uma afirmação de talento e sensibilidade. Prefaciando o livro, Antônio Bezerra emitiu sôbre o autor conceitos como êste: "Teles de Sousa é um rapaz de talento, modesto, retraído e sobretudo de temperamento indomável, que não se sujeita a fazer barretadas a quem quer que seja, que se lhe apresente superior pelo dinheiro ou pela posição social..." Seu talento foi igualmente exaltado e reconhecido por Farias Brito — companheiro da associação IRACEMA LITERÁRIA.

Como bom cearense, não se furtou ao nomadismo que marca o destino da nossa gente. Dando asas ao espírito de aventura de sua mocidade, emigrou para a Amazônia — o "Eldorado" de então. Acredito que o tenha feito mais para promover pesquisas que para fazer fortuna, desambicioso que era. Dali voltou sem dinheiro e com saúde abalada.

De lá trouxe como preciosa bagagem o seu livro **Amazonas**, repleto de lendas e estudos dos costumes regionais, acrescido de esclarecedor glossário da língua tupi e de têrmos usados na região. Êsse livro, como um outro que pretendia publicar, com o título **Ubajara**, ficou inédito, sendo ignorado o destino de seus originais.

Regressando de sua temerária excursão ao "Inferno Verde", resolveu Teles de Sousa levar ao interior cearense a nobilitante missão do magistério.

A cidade de Ipu, que se tornara no comêço do século um apreciável centro educacional na zona norte cearense, foi a escolhida para o exercício das atividades de Teles de Sousa nesse setor. Ali funcionara por vários anos, com eficiência e reconhecido proveito, o renomeado Colégio 7 de Setembro, dirigido pelo austero advogado Antônio Augusto Rodrigues de Marrocos. Um nôvo estabelecimento de ensino na terra de Iracema seria a continuação daquele que se fechara em 1902. Assim, na sua irreprimível vocação de educador, fundou Teles de Sousa, em Ipu, no ano de 1903, o Colégio José de Alencar, de parceria com seu irmão Jovelino de Sousa, também poeta e abalisado professor. Foi o mais conceituado educandário daquela região. Pelos reconhecidos méritos de seus dirigentes, atraiu numerosa equipe de alunos internos, dos municípios vizinhos. Uma coorte de jovens de minha geração se abeberou naquela límpida fonte de saber, com positivo aproveitamento. Aquelas aulas claras e intuitivas não podiam deixar de absorver a atenção e o interêsse dos que tinham a ventura de ouvi-las. E todos os meios de emulação eram empregados. Promoviam-se interessantes "preleções" mensais, com festiva assistência pública, nas quais, em rodízio, os alunos discorriam sôbre vários temas, afugentando assim naturais inibições. Como purista da língua portuguêsa, Teles de Sousa, que lia e anotava todo nôvo dicionário, nos levava, com amistosa disciplina, à etimologia das palavras, à concordância perfeita e à análise minuciosa das frases. Um grande mestre! Os métodos de João Ribeiro (gramática), Antônio Trajano (aritmética), Lacerda (geografia) e outros que eram então os melhores adotados, recebiam a complementação de esclarecimentos que não deixavam dúvidas no espírito dos meninos.

Em 1904, iniciou a publicação do jornal **Cidade de Ipu**, semanário que, nas suas vinte edições, teve a colaboração de intelectuais do valor de Félix Cândido, Alba Valdez, Liberato Filho, Ribeiro de Miranda e outros.

Dentro de seu espírito de nomadismo, característica muito cearense, transferiu o Colégio para Picos, hoje a importante cidade de Colinas, no Maranhão. De lá, numa benfazeja peregrinação educacional, o trouxe para Sobral, onde instruiu grande parte de sua juventude. Os seus alunos sobralenses publicaram em 1906 um jornalzinho — **Philomático** — sob a direção do estudante Raimundo Cela, que depois se afirmou como pintor consagrado, glória das artes do Ceará.

De Sobral se transferiu para Camocim e dali, novamente, para Ipu. Não encontrou mais na terra de Iracema, que êle tanto exaltou em primorosos versos, os antigos amigos e o encanto do ambiente em que, cheio de idealismo, iniciou sua carreira no magistério. Resol-

veu, então, transferir o Colégio para o jovem beletrista Leonardo Mota que, em 1912, ali chegava, dispersando talento nas suas atividades intelectuais. Com Leonardo, também peregrino das letras, encerrou o Colégio José de Alencar o seu glorioso ciclo, deixando atrás de si um luminoso rastro de ensinamentos e de benefícios à juventude contemporânea.

Sinto vaidade em dizer que fui aluno de Teles de Sousa. Devo-lhe quase tudo que aprendi na minha mocidade, através de suas maravilhosas lições. Venho, por isto, amortizando um pouco de irresgatável dívida de gratidão, homenagear, com êste desataviado registro, a memória do saudoso mestre, em a data centenária de seu nascimento.

(O Povo, 16—11—1968)

INSTITUTO DO CEARÁ

CARLOS LOBO

Feliz e tranqüilo o povo, civilizado e culto, que, cioso de sua obrigação perante a geração atual e cônscio de suas responsabilidades para as gerações do porvir, se organiza e se coordena para guardar e conservar, religiosamente, as relíquias de sua história e a história da sua gente.

Bem-aventurados mesmo os povos que sabem honrar e rememorar a vida dos seus passados ilustres e dos seus vultos eminentes, como também as obras que foram produzidas e realizadas pelos seus irmãos, desaparecidos e hoje habitando, por certo, regiões iluminadas e brilhantes dos espaços imensos e infinitos.

É, por sem dúvida, o que ocorre com êsse sodalício ilustre que é o INSTITUTO DO CEARÁ, viveiro de tão ilustres personalidades cearenses e que viveu, por tantos e tantos anos, de seca e meca, sem pouso certo, e sem poder, assim, desempenhar as suas solenes responsabilidades perante os contemporâneos.

Agora, porém, e felizmente, graças à simpática e oportuna iniciativa da já famosa UNIVERSIDADE DO CEARÁ de instalar-se no local mais conveniente e mais aprazível da Capital, em edifício que honra a nossa feição urbanística, majestoso, imponente, em estilo manuelino, digno, portanto, de abrigar instituição de tanto relêvo e aprêço e carinho.

Muita gente há, todavia, no nosso próprio Ceará, letrada mesmo, e que ignora a existência e a finalidade do INSTITUTO DO CEARÁ, e por isso é simplesmente uma pena.

E por isso seria muito interessante que a nossa possante TV-Canal 2, que tanto já tem concorrido para a ampla divulgação de nossas cousas, se dispusesse a fazer uma oportuna quão apreciada e detalhada reportagem no imponente prédio atual do INSTITUTO DO CEARÁ, mostrando assim ao valoroso povo cearense o que é hoje êsse Instituto, as suas instalações, a sua modelar e rigorosa organização, a elegância do Edifício e o gôsto que presidiu à sua remodelação caprichosa, para que todos tenham uma idéia dêsse alto Estabelecimento de cultura e de desenvolvimento.

Atendendo a gentil convite do excelente Mestre Cook intelectual do mesmo Instituto, isto é, do meu velho e apreciado amigo Oswaldo Araújo que conheci em eras priscas no formoso e inesquecível Ipu, quando êle exercia, ali, a nobre função de hábil e simpático comerciante, fui visitar, novamente, o Instituto do Ceará.

Posso dizer, francamente, que me senti orgulhecido de ter nascido nas terras fecundas e quentes do Ceará imortal.

Vi tudo, observei os menores detalhes e admirei tudo.

As salas, os vastos salões, as estantes, bem alinhadas e guardando obras literárias de raro valor, as telas antigas, estatuetas de personalidades célebres do Brasil e do Ceará, o gabinete da Presidência, tudo luxuoso mesmo, tudo em perfeita ordem.

A sede atual do velho casarão do saudoso conterrâneo Barão de Studart é digna, portanto, de ser visitada e conhecida de tôda a nossa gente, pois recomenda sobremodo a nossa cultura e os nossos foros de gente civilizada e de bom gôsto.

O amigo Oswaldo Araújo que, também, já labutou em Companhia de Seguro, e sempre foi um afeiçoado de nossas cousas literárias, possuindo até a mais bem organizada hemeroteca cearense, sendo também um autêntico fidalgo, possuindo, apenas, uma qualidade negativa qual de não possuir inimigos, ao contrário do escrevinhador destas linhas, que os tem quase às carradas, todos, aliás, bem gratuitos, se portou como um verdadeiro cicerone, mostrando-me tudo, deixando-me farto de ver tanta cousa preciosa e bonita e valiosíssima.

O prédio é o que pertenceu ao opulento comerciante conterrâneo — JEREMIAS ARRUDA —, construído nos idos de 1920, data que vi gravada no brilhante e enfeitado assoalho.

Parabéns, pois, aos que dirigem e sustentam êsse patrimônio admirável e precioso de nossa terra, que é o INSTITUTO DO CEARÁ.

(Tribuna do Ceará — 05-10-967)